



ILUSTRACIÓN: *Mural collage*

AUTOR: A. T.

## A configuração do Neorregionalismo Brasileiro

Herasmo Braga de Oliveira Brito

[Recibido, 14 setembro 2016; aceptado, 19 dezembro 2016]

<http://dx.doi.org/10.15304/bgl.49.3575>

**RESUMO** Este estudo tem como objetivo analisar a configuração literária do Neorregionalismo Brasileiro, no caso específico do presente artigo, iremos nos restringir apenas na questão do espaço, entendido não apenas como mera descrição física. Observamos o espaço dentro das obras Neorregionalistas como agente de relevante contribuição para o desenvolvimento das experiências dos personagens. Utilizar-se-á para abordagem da caracterização do Neorregionalismo Brasileiro a obra *Galileia* de Ronaldo Correia de Brito. A presente pesquisa caracteriza-se, essencialmente, como bibliográfica. Utilizando-se como base os seguintes autores: Araújo (2010), Bachelard (1993), Bakhtin (2011), Bueno (2006), Candido (2000, 2006), Chiappini (2014), Williams (1989). Buscou-se, primeiro, a fundamentação necessária para caracterizar essa nova tendência literária brasileira.

**PALABRAS CHAVE:** Literatura Comparada, Neorregionalismo, Literatura Brasileira.

**ABSTRACT** This essay aims to analyse the literary configuration of Brazilian Neo-regionalism. This particular article will deal with the topic of space, not only understood as the mere physical setting. We observe the space from Neo-regionalist works as a relevant agent in the developing the experiences of the characters. In order to characterise Brazilian Neo-regionalism we will use the book *Galileia* by Ronaldo Correia de Brito. This research is mainly bibliographical, using the following authors: Araújo (2010), Bachelard (1993), Bakhtin (2011), Bueno (2006), Candido (2000, 2006), Chiappini (2014), Williams (1989). The first step is to look for the theoretical foundation in order to characterise this new Brazilian literary trend.

**KEYWORDS:** Comparative Literature, Neo-regionalism, Brazilian Literature.

## Introdução

O termo Neorregionalismo não vem marcado pelas limitações impostas de subliteratura ou de desenvolvimento estético e temático anacrônicos. As novas produções dos autores neorregionalistas não se resumem a meros continuadores dos trabalhos dos romancistas de 30. Eles trazem, em seus textos, novos elementos que os colocam, hoje, entre os grandes produtores literários de relevantes expressividades, pertencentes a nossa história literária.

Como destaca Luís Bueno (2006), em *História do Romance de 30*, o historiador da literatura deve atuar de forma seletiva sobre determinado dado significativo, e assim nos colocamos, sem compelir as obras para que elas atendam apenas àquilo que apontamos como elementos configuradores do Neorregionalismo. Nosso compromisso reside em trazer à tona, nas obras, aquilo que naturalmente está presente nos seus enredos. Sem a pretensão única de apenas apontar uma nova tendência literária sem qualquer embasamento teórico que, de fato, não esteja refletido nas produções literárias.

6

Interessa-nos, portanto, reconhecer e valorizar o dinamismo literário e suas tradições. E aproveitar o momento favorável, como adverte Luis Bueno (2006: 12):

[...] a tarefa de se escrever história literária no Brasil é muito diferente da que enfrentaram intelectuais do porte de Silvio Romero e José Veríssimo, que se preocupavam, em grande medida, em colaborar, com o seu trabalho, para o estabelecimento de um conceito de “nacional” que pudesse nos representar.

Dessa maneira, devemos atentar ao momento histórico e literário de que dispomos e perceber que as nossas grandes obras não ficaram só no passado, há outras de significativa relevância sendo produzidas na contemporaneidade. Outro ponto a complementar esse pensamento, apoia-se em desfazer estereótipos que, devido a uma postura, muitas vezes mais ideológica do que estética, consagraram determinados autores em detrimento de outros e, pelos mesmos motivos, destacaram algumas obras e fizeram “esquecer” de outras, além de constituírem rótulos e limitações não condizentes com determinados movimentos ou tendências literárias, tais como aconteceu com as obras e os autores do Regionalismo dos romances de 30, em que, só aos poucos, alguns conseguiram romper tais fronteiras.

Contribuindo com o debate da insistência reducionista aos autores regionalistas, apresentamos as ideias acerca do tema na obra *A Produção Social da Escrita*, de Raymond Williams (2014), mais especificamente no texto “Região e Classe no Romance”, no qual debate a questão do Regionalismo ambientado em regiões como *Lake District, South Devon* ou o Centro do País de Gales; suas reflexões elucidam alguns pontos que podemos inserir na questão do Regionalismo no Brasil:

Há três repostas possíveis, cada uma ideologicamente significativa. Em primeiro lugar, alguns lugares são “regiões”, com um caráter local ou provincial reconhecido, e outros não. Em segundo lugar, alguns romances são “regionais” no sentido de que falam, sobretudo, ou apenas, desses lugares e da vida neles, e não de uma vida mais geral. Em terceiro lugar, certo tipo de romance é “regional” porque é “sobre” ou “retrata” uma vida social específica, ao contrário dos romances que se dirigem experiências humanas mais amplas e permanentes (Williams 2014: 299).

Diante do dilema vigente, as obras Regionalistas dos romancistas de 30 não ficaram entregues ao provincianismo ou ao localismo. Foram obras que abordaram a realidade dos autores nos seus lugares e que ofuscaram as obras tidas como intimistas, como destaca Luís Bueno (2006: 19):

É claro que, nesse tempo, houve também uma outra tendência na qual pouco se fala, uma “segunda via” do romance brasileiro, para usar a significativa expressão de Luciana Stegagno Picchio, o chamado romance intimista ou psicológico, mas tão secundária que não teve forças para estabelecer-se como forma possível de desenvolvimento do romance no Brasil.

Podemos apontar duas linhas interpretativas para justificar a hegemonia da tendência das obras sociais regionalistas em detrimento de outras, como as dos intimistas. Primeiro, devido à saturação na nossa tradição da retórica. Diz Bueno (2006: 195): “[...] se pensarmos na tradição retórica tão corrente no Brasil, de que toda descrição, para ser eficiente, tem que apelar para todos os sentidos a partir de figuras que intensifiquem e precisem cada um dos aspectos destacados na descrição [...]”, e as obras regionalistas se distanciam, nas suas escritas, desses recursos. Ao aproximar a linguagem mais do coloquial e do cotidiano, dando vez a certa oralidade, sem comprometer a qualidade da linguagem literária, abordando questões mais ligadas aos dilemas sociais, apresentando personagens de tipos de sujeitos mais comuns, as obras regionalistas acabaram conquistando mais leitores.

Outra linha interpretativa, para justificar a ascensão do Regionalismo literário, advém da nossa tradição da proximidade da ficção com o real, por meio da verossimilhança<sup>1</sup> nas produções em prosa. Essa tradição vem desde o período Romântico e acentuou-se no Realismo, quando a aproximação entre o real e o ficcional ficou mais intensa. Assim, essa tradição de obras relacionadas mais a aspectos da nossa realidade na Literatura Brasileira acabou contribuindo para o Regionalismo, mesmo como tendência, ser tão valorizado. Nos registros literários, só a partir da segunda metade do século XX, mais precisamente na vigência de regimes políticos que promoviam com rigidez a censura, aconteceu o reconhecimento das obras inverossímeis, como a Literatura Fantástica, em obras como de Murilo Rubião e J. J. Veiga.

Destacamos que o Neorregionalismo não se constitui apenas como neologismo com ideia literária, mas formulação de uma percepção visando à compreensão da vigência de aspectos regionalistas da atualidade sob outros pilares, que rompem com qualquer reducionismo ou mesmo limitação espacial ou estética a um dado local específico.

8

Portanto, é a partir das leituras das obras dos autores mencionados, que percebemos configurações que os aproximam, sob a égide de uma estética neorregional porque, em suas produções literárias, não há a presença apenas de aspectos formais e estruturais do que foi produzido na década de 1930 do século XX de maneira anacrônica. Encontramos traços significativos que evidenciam a força do Regionalismo com suas dimensões universalizantes e com as devidas singularidades.

Queremos destacar outro aspecto, mencionado por Chiappini (2014: 50), que reside na discordância, também nossa, de que o Regionalismo literário estaria ligado a uma questão econômica de subdesenvolvimento. Sobre este ponto, o referido autor assim se posiciona: “[...] a economia não explica tudo e os regionalismos estão estreitamente vinculados às tradicionais lutas pela hegemonia e contra determinadas hegemonias, ao longo da história europeia”. Portanto, não será o regionalismo o reflexo do atraso social, da estagnação precária econômica. Não são fatores econômicos que proporcionaram o seu surgimento e a presença do Regionalismo até hoje. Menos ainda, o Neorregionalismo servirá como símbolo que atesta a ausência de superação desse atraso social.

---

<sup>1</sup> A verossimilhança aqui deve ser entendida como uma escrita próxima a realidade.

A marca no Regionalismo de algo pitoresco e exótico ficou bastante evidente nas primeiras obras do Regionalismo romântico que, ao longo do tempo, foi perdendo essas características. Os romances da década de 1930 são alguns exemplos da perda desse caráter. Todavia, ocorre a manutenção equivocada dessas ideias dentro da nossa tradição crítica. A presença desses estigmas faz com que diversos autores, tidos por nós como neorregionalistas, rejeitem tal ideia, como podemos ilustrar na obra *Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito, em que ele se utiliza da discussão entre os personagens para desqualificar o regional: “– Tio Salomão é um regionalista. Existe coisa mais fora de moda do que um regionalista?” (2009: 163). Essa rejeição se justifica principalmente pelos estigmas que podem impedir a compreensão e o reconhecimento devido das obras.

Portanto, analisar a configuração e a presença do Neorregionalismo na nossa tradição literária constitui um desafio por força da presença de ideias reducionistas acerca do Regionalismo. Ao longo do trabalho, apresentaremos elementos que possam suplantar esse olhar equivocado de parte da crítica literária brasileira. Mostraremos que o Regionalismo não “morreu” e nem permanece “vivo” devido ao nosso atraso econômico. E, mesmo como tendência literária, a construção estética provinda dele não só demonstra a sua relevância para a tradição literária brasileira ao longo dos anos, como também mantém-se por meio do Neorregionalismo, só com algumas outras particularidades.

## **O espaço como um dos elementos da configuração do Neorregionalismo Brasileiro**

Luis Alberto Brandão, em *Teorias do espaço literário* (2013), destaca dois estudos gerais sobre o espaço. O primeiro centra-se nos registros das modificações em um determinado período, atentando mais à percepção espacial. A segunda perspectiva lança-se em questionamentos das transformações do espaço enquanto conceito. Assim, durante anos os estudos literários voltaram-se para a linguagem, ora estrutura, ora forma, ora conteúdo das obras literárias. Depois se passou a esmiuçar mais detalhadamente alguns elementos da composição estrutural, como os personagens e o tempo. Agora, nos últimos anos, o espaço, antes visto apenas como elemento de composição do cenário, não só ganhou projeção, mas também se reconhece que ele não tem

uma participação estática dentro dos enredos. Ele influencia e é influenciado pelos personagens, pela linguagem, pelo desenvolvimento da narrativa. É nesse contexto de análise dos espaços nas narrativas que iremos observar de que modo eles servem como um dos pilares de caracterização do neorregionalismo brasileiro e como ele atua nas subjetividades das personagens, do tempo de valor e na linguagem das obras.

E, como menciona Bachelard (1993: 17), em *A poética do espaço*, “a arte é então uma reduplicação da vida, uma espécie de emulação nas surpresas que excitam a nossa consciência e a impedem de cair no sono”. Observamos que essa emulação só se faz possível na compreensão das coisas, sem a fixação ou rigidez interpretativa. Assim é o olhar sobre uma obra literária dentro de uma nova configuração dos estudos dos espaços nas narrativas, o que se faz com o despertar perceptivo dos elementos que incidem sobre nós.

É interessante observar o que Bachelard (1993: 28), acrescenta-nos sobre a ideia do espaço:

Por vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo; que no próprio passado, quando sai em busca do tempo perdido, quer “suspender” o vôo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. É essa a função do espaço.

É nessa compressão do tempo que o espaço irá atuar nas subjetividades da narrativa. Ele não estará apenas no enlace ornamentativo. Compreender-se-ão melhor a narrativa e a própria composição do caráter dos personagens pelo espaço.

### **3 O espaço e o lugar como elementos de transição no neorregionalismo literário**

Um dos aspectos que caracteriza e configura o neorregionalismo literário brasileiro é a passagem da zona rural para o urbano. Essa mudança não acontece apenas no que tange a um novo cenário para as narrativas. Menos ainda se acontece por inteiro e de maneira tranquila. Observamos que a saída do rural para o urbano acentua mudanças significativas nos moldes dos enredos e também nos personagens. A migração do campo para a cidade torna os

elementos espaciais das narrativas mais presentes, com atuação marcante sobre os personagens e até mesmo em algumas obras aqueles podem ser tomados como um destes. É o caso da cidade de Parnaíba em *Beira rio, beira vida* e *A filha do meio-quilo*, de Assis Brasil; a cidade de Manaus, em *Cinzas do norte*, de Milton Hatoum; os lugares como a casa de Bento, denominada Palacete, e a fazenda Galileia, na obra de mesmo nome de Ronaldo Correia de Brito.

O espaço urbano, com os seus respectivos lugares, além de ter essa maior projeção nos romances neorregionalistas, evidencia angústias provindas desde os romances de 30, como assegura Luis Bueno ao abordar as obras deste período. Destaca ele, em dois momentos:

Assim, Conceição é uma pessoa espremida entre diferentes solicitações: a vida no campo e na cidade, a realização intelectual e a maternidade. Ora, esses problemas todos estão muito distantes do romance naturalista e, mesmo, de *A Bagaceira*. Se *O Quinze* precisa de um capítulo que extrapole os limites da seca, é porque lida com outros problemas e Conceição, mais do que uma personagem remediada com a função de, por sua vez, remediar que o antecederam, encarna uma cisão entre campo e cidade, entre o arcaico e o moderno, que terá presença constante no romance de 30 (Bueno 2006: 128).

Afinal, como se sabe, admitir a culpa é ponto de partida para ser perdoado. Por outro lado, essa atitude cancela qualquer possível utopia rural aos moldes daquela proposta por *Senhora de Engenho* e *Os Exilados* ou mesmo, até certo ponto, de *A Bagaceira*, e rompe, portanto, com o que há de velharia nesses romances que, nos anos 20, sonharam para o Brasil um reenraizamento no campo de uma elite aparelhada com as últimas conquistas da modernidade. Há, é evidente, uma nostalgia sem fim do mundo harmônico que já morreu e o desejo de pintá-lo com as melhores cores. Noutras palavras, admitem-se os problemas, mostram-se as compensações para os prejudicados, não se toca nas estruturas sociais e foge-se do conflito (Bueno 2006: 148).

Constatamos, nas duas citações de Luís Bueno, a presença do sentimento conflituoso entre a tradição rural e a vida na cidade. A presença no meio urbano promove nos sujeitos um sentimento não só de estranhamento, mas de sentir-se deslocado. Marca-se a presença de uma dualidade nos indivíduos de maneira conflituosa. Essa inquietação se manteve e se faz presente nas obras dos autores neorregionalistas. Tomamos como exemplo os personagens Darcy, de *Pacamão*, e Adonias, de *Galileia*, marcados por essa transição conflituosa da passagem do rural para o urbano. Eles são alheios ao mundo

urbano que os cercam, no entanto rejeitam prontamente qualquer relação com o espaço rural. Esse antagonismo torna-os sujeitos estranhos nas narrativas diante dos outros personagens por não se identificarem com nenhum dos espaços vivenciados por eles. Esses sentimentos de alheamento e de não pertencimento se fazem presentes até mesmo em obras cinematográficas contemporâneas que retratam filmes com estéticas regionalistas, a exemplo dos filmes *Central do Brasil*, de Walter Sales, com a personagem Dora, e *Mãe e Filha*, de Petrus Cariry, através de Fátima. Nos enredos dos filmes percebe-se a mesma sensação de indiferença entre os mundos rural e urbano. A tensão do não pertencimento constitui-se uma das marcas do neorregionalismo no tocante à relação entre os personagens e os espaços.

Ao buscarmos mais fundamentações para a validação de tais argumentos sobre essa transitoriedade conflitante dos personagens neorregionalistas nos espaços, tomamos a abordagem de João de Melo (2012: 40) no texto *O triunfo do lugar sobre o espaço*, ao nos dizer que:

Os lugares de nossas experiências podem ser transitórios e/ou eternos. A efemeridade dos lugares seria, em parte, advinda das metamorfoses operacionalizadas pelo homem no incessante monta e desmonta, no esquecimento desmedido e na destruição criativa dos mais diversos recantos e, em parte, da metamorfose dos nossos valores, ambigüidades e temores.

12

Fica evidente, portanto, que o lugar não é apenas uma denominação física, mas o reduto de experiências que não precisam ser vivenciadas no tempo presente, pois podem advir de uma tradição, de narrativas norteadoras das conduções dos indivíduos e muitas vezes podem não ser percebidas pacificamente por todos, e em prováveis rupturas originam-se temores que fazem repulsar o passado ao tempo de se tornar inepto ao presente. Assim comportam-se os personagens neorregionalistas, em destaque Darcy e Adonias, rejeitando o passado pelo fato de ele estar ligado, através dos temores, aos desconfortos do tempo presente diante do cenário e do *modus vivendi* urbano. Em relação a essa inquietação diante de determinados lugares, João de Melo (2012: 40-41) nos diz:

No íntimo das pessoas, transitivos ou duradouros, os lugares da atualidade ou do passado podem variar de acordo com os valores, a quebra de preconceitos, a formação de conceitos e a aceitação de novas normas. Nesses termos, a ambivalência colabora para tal alternância, gerando atitudes inconstantes.

Diante desse ponto, observamos que o tempo é um dos elementos marcadores do lugar. O tempo constitui a ideia da intersubjetividade entre eles –tempo e lugar–, com o(s) indivíduo(s) na mescla de sentimentos, experiências, vivências, tradições, discursos em que muitos podem desenvolver sentimentos antagônicos, exercendo de maneira conflituosa os fluxos dos tempos no seu íntimo, em que se acentuam o seu deslocamento e, por consequência, o seu alheamento diante do lugar, espaço e tempo presente. Vicent Berdoulay e J. Nicholas Entrikin (2012: 109), ao abordar lugar e sujeito destacam que:

A especificidade espaço-temporal da experiência e da memória coletiva que veiculam os lugares molda-se bem de maneira narrativa. É por intermédio do relato que o sujeito organiza seus laços com o ambiente e com a coletividade a ponto de, para certos filósofos, a trama narrativa aparecer como estruturante na vida do sujeito moderno.

A construção do espaço se dá pelo diálogo entre o sujeito, as subjetividades e memórias que marcam o lugar através das suas manifestações culturais. Nessa interatividade das partes, os elementos de identificação e consequentemente de pertencimento se fortalecem e dão sentidos às coisas.

13

## **A transitoriedade entre o urbano e o rural em *Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito**

O romance *Galileia* inicia-se com a ida dos primos Adonias, Ismael e Davi para Galileia. A princípio seria para a confraternização de aniversário do avô, mas devido a um mal súbito dele, a viagem marcava-se agora para uma despedida de Raimundo Caetano.

Nas primeiras linhas, percebe-se o sentimento de certa repulsa nutrida por Adonias em relação à família e o arrependimento da viagem: “Penso em voltar para Recife, obedecendo a pressentimentos de desgraça, receios que me invadem em todas as reuniões da família. Davi e Ismael consultam-me com os olhos; temem que eu desista da viagem” (2009: 7)<sup>2</sup>. Ao longo da narrativa, inúmeras dessas desgraças lembradas por Adonias são reveladas, tais como: possível caso de incesto, estupro de Davi, casos de adultério e assassi-

---

<sup>2</sup> A partir deste trecho do romance *Galileia*, todas as citações, neste capítulo, serão seguidas apenas do número da página da edição citada.

nato de uma das antepassadas da família. Cada um dos membros da família, com nomes bíblicos, ganha um capítulo dentro do romance. E os sentimentos conflituosos entre tradição e modernidade, rural e urbano, regionalismo e o seu fim, perpassam toda a narrativa.

Galileia é uma fazenda de propriedade de Raimundo Caetano e fica a quinze quilômetros distante de Arneirós. A maioria da família não só surgiu em Galileia, mas passou parte de suas vidas nela. Mesmo para aqueles que ao crescerem ganharam outra direção, a fazenda continuava a fazer parte da memória de cada um e também do imaginário subjetivo. Em alguns, era lugar de afago e pertencimento, caso de Ismael; para Davi, ela é indiferente e, em Adonias, despertava um sentimento de fascínio e repulsa, talvez por Galileia representar na sua subjetividade a marca do conflito não devidamente resolvido da transitoriedade do espaço rural para o urbano. E sob esse foco a nossa análise irá se respaldar na presença conflituosa e angustiante do espaço enquanto elemento de construção de subjetividades dos indivíduos.

14 Dentro das narrativas dos autores que tomamos como neorregionalistas, o espaço dentro da obras não apenas configuram cenários; eles atuam junto aos personagens transformando-os. No caso de *Galileia*, ela irá marcar como símbolo da transitoriedade da tradição e modernidade, do rural e urbano, não de maneira harmônica. Até mesmo o espaço sofre modificações não só físicas, como também nos seus substratos de desenvolvimento de mentalidades. Assim nos dá indício Milton Santos (2014: 51), em *A natureza do espaço*: “A cada sistema temporal o espaço muda”. Assim, acontece com Galileia, que muda ao longo dos anos e sofre naturalmente as consequências dos novos tempos, como apresentam estas passagens aos olhos de Adonias, no decorrer do romance:

Mulher em motocicleta carrega velha na garupa e tange três vacas magras. Dois mitos se desfazem diante dos meus olhos, num só instante: o vaqueiro macho, encourado, e o cavalo das histórias dos heróis, quando se puxavam bois pelo rabo.

Imagino a casa dos meus avós derrubada por tratores, dando lugar a uma rodovia. O barulho forte das máquinas e as luzes dos faróis me deixam a impressão de que estou noutra planeta. Mas não estou. O sertão continua na minha frente, nos lados, atrás de mim (Brito 2009: 8).

Nessas novas configurações de redefinições do espaço temos o tempo como indicativo de mudanças. Historicamente o tempo é outro. Consequen-

temente, velhas práticas mudaram, como a inserção da motocicleta para o “tanger” das vacas. Todavia, não só os novos comportamentos são diferentes; o espaço também sofre os efeitos de cronos. Adonias não faz uma defesa ingênua do retorno do passado como instrumento de resistência aos novos tempos de homogeneização da cultura, mas apenas reflete sobre as mudanças e estranhezas das novas relações: “Desejei bater à porta de uma delas, dar boa noite às pessoas, xeretar o programa a que assistiam. Não consigo imaginá-las atravessando a porta para os afazeres nos currais e roçados, depois de se intoxicarem de novelas” (Brito 2009: 15). Esse é um dos dilemas que traz no âmago das mudanças as perdas das tradições, a mistura das incompatibilidades, em que sempre o “novo” é quem dita como serão as coisas.

Até mesmo os desejos constituídos pela tradição padecem das interferências e colocam os indivíduos do sertão sob a égide da artificialidade, dos produtos de consumo de massa, mesmo quando de nada lhes servem esses instrumentos, o que atesta a passagem do diálogo do dono do bar em que os primos pararam para comer e beber, como Adonias e Ismael sobre o caso do filho dele que foi condenado pelo roubo de um celular:

Mas ele quis um celular! Desejou não sei pra quê. Não tem nenhuma utilidade aqui. Nem pegar pega. Pode ligar o seu agora e testar. Pega? Pega não! Ele viu na televisão e achou bonito. Agora, os rapazes acham feio vestir roupa de couro, botar um chapéu na cabeça. Estão no direito deles. Mudaram os tempos. Pra que serve vestir roupa de couro, botar chapéus na cabeça, se não tem boi para correr atrás? Serve apenas pra dançar xaxado, folclore, o senhor conhece. Roupa de couro perdeu o valor porque não tem utilidade. Telefone celular tem utilidade para o senhor, pro seu trabalho. Pra mim não tem, porque aqui não pega. O rapazinho meu filho roubou o aparelho por vaidade, por luxo. E foi preso porque arrombou a loja. Desceu pelo telhado, quebrou o gesso e levou o celular mais caro. Descobriram fácil que foi ele. É uma besta, coitado, nem sabe direito o que fez. Toda noite, quando ia pra escola, na cidade que o senhor passou, ele ficava imitando que telefonava, pra se mostrar aos colegas. Foi preso. O Conselho Tutelar abrandou a pena dele. Tinha que prestar serviço à comunidade, todos os dias trabalhar num abrigo de velhos. Limpava o chão, os banheiros. Ele sentia nojo do trabalho, não gostava dos velhos. Não cumpriu a pena, foi chamado à atenção. Não cumpriu, foi chamado novamente. Não cumpriu, foi preso (Brito 2009: 38-39).

Na continuidade deste feito desastroso de querer algo imposto pelos meios de comunicação de massa, em que o “novo” substitui o velho e impõe novos desejos e novos valores, o pai termina por relatar:

– Meu filho quase se matar por nada, por esse trastezinho que até bem pouco tempo atrás nem existia pra gente. Mas agora existe, e ele desejou um. É o Diabo quem inventa essas coisas, só pode ser. E também é o Diabo quem tenta a gente pra querer o que não precisa. Ele aparece na televisão, ludibriando, prometendo maravilhas, mandando comprar, fazer qualquer sacrifício para possuir essas porcarias. A cada hora inventam uma coisa diferente. Nosso menino esqueceu a honra. Esqueceu tudo. Roubou o celular e está preso. Quando viu que não agüentava a cadeia –chamam com outro nome a prisão pra menores, mas é pior do que cadeia–, quando viu que não agüentava tentou se enforcar. Passou uma corda no pescoço e não morreu porque os guardas chegaram a tempo. Da segunda vez, tomou água sanitária e foi internado num hospital. A mãe está com ele. Certas horas esqueço que é nosso filho, de tanto desgosto. Tudo por causa de uma coisinha dessas, que fala com quem a gente nem vê (Brito 2009: 40).

Interessante nessa passagem é que esses novos tempos trazem sérios transtornos para os sujeitos do sertão. Não podemos tomar como marcas de distinção entre a barbárie e a civilização, menos ainda da vida precária para uma etapa mais evolutiva. O que se promove são as crescentes desvalorizações de questões históricas-sociais-culturais cultivadas ao longo de um percurso de tradições. No momento presente ocorre a sua substituição por uma cultura de artificialidade consumista. Torna-se suplantada de modo secundário na vida dos sujeitos o aspecto hordieiro dos produtos da cultura de massa e princípios norteadores da convivência social tornam-se esquecidos ou mesmo marginalizados como o sentido de honra.

16

A constatação dessa decadência dos aspectos da ruralidade no sentido não só físico, mas sobretudo de comportamentos, é apontada durante toda a narrativa. Adonias é um desses sujeitos inquietados com as mudanças. Sente-se cada vez mais como um sujeito deslocado tanto dos aspectos rurais quanto urbanos. Ele, ao tempo que reconstitui pela memória certos afetos aos costumes do campo, em outros momentos, por ter sua alma em conflito, rejeita prontamente essas lembranças, como podemos ver ao acordar em um motel que os primos pararam para descansar da exaustiva viagem. Ao sair, depara-se com as transformações e suas angústias diante do cenário da cidade pequena:

Será melhor acordar os primos? Que diferença faz se prosseguirmos ou voltarmos? Posso descer a pequena ladeira que separa o motel do arruado, dirigir-me a um dos motoqueiros e pedir que me leve a algum lugar. Mas lembro que eles não possuem capacete para os passageiros. Não estou tão mal como suponho, pois não esqueci minha segurança. Podemos entrar por uma estrada, ir bem

longe, aos lugares onde antigamente existiam fazendas de gado, passar na frente de casas fechadas. Moram pessoas velhas nessas casas arruinadas, escuras e cheias de tralha inútil. Elas vivem da aposentadoria de um salário mínimo. A fumaça dos telhados denuncia a presença delas. Grito “ó de casa”. Uma velha atende. Mora sozinha. Todos partiram, mas ela resistiu. Manda que eu entre, que me abrigue do sol. Parece louca. Cozinha em fogão de lenha, em painéis de barro, preto de fuligem. O motoboy pergunta se vou ficar, ou se desejo bater em outras portas. As casas não diferem umas das outras. As que não estão vazias são habitadas por velhos esperando a morte. Sento numa calçada de tijolos. Também quero ficar em silêncio, largado e esquecido (Brito 2009: 86).

Nesse devaneio de Adonias o sentimento do tempo que passa e os novos tempos decretam a morte desse tipo de vida. Temos nele as inquietações do espírito, pois, ao apontar a extinção deste modo de viver no campo, demonstra certa indignação, como o presente esquece o passado. No entanto, os aspectos urbanísticos também se encontram nele: a segurança no uso do capacete. Essas inquietações a partir do olhar do Adonias lembra-nos Michel de Certeau em *A invenção do cotidiano 1. Artes de Fazer* (2003), ao descrever sobre os espaços e o ato de caminhar pela cidade e nos apresentar as ideias do não tempo e do espaço-enunciação. Segundo Certeau (2003: 176),

[...] só se deixa então captar um resíduo colocado no não-tempo de uma superfície em projeção. Visível, tem como efeito tornar invisível a operação que a tornou possível. Essas fixações constituem procedimentos de esquecimento. O traço vem substituir a prática.

Esse não tempo é o que permanece sobre a imagem das casas arruinadas, em que pessoas velhas permanecem, não como resistência consciente da não entrega aos modismos das cidades modernas, mas uma forma de ainda viver em meio às lembranças e sentir-se pertencente a um lugar, a um tempo.

Essas imagens da decadência dos espaços do campo afloram no imaginário social já há bastante tempo. No cinema, por exemplo, estão desde as primeiras produções em que se explorou a estética regionalista: em *Vidas Secas* (1963), de Nelson Pereira dos Santos, *Deus e o Diabo na terra do sol* (1964), de Glauber Rocha. E temos também nas produções mais recentes, como as de Petrus Cariry: *O grão* (2007), *Mãe e filha* (2011); de Frederico Machado: *Exercício do caos* (2013); e de Douglas Machado: *Cipriano*. A possível mensagem é que esse aspecto de acentuada decretação do modo de vida no campo não passe da incompreensão de que o espaço não é só físico, mas está acima

disso, na interatividade entre ele e os sujeitos na constituição das suas subjetividades. Portanto, não é na descrição das casas em ruínas que teremos o fim dos aspectos regionalistas do campo. Eles vão continuar a existir e fazer parte do imaginário social mesmo em outro espaço, como o urbano.

A segunda ideia de Certeau (2003: 177), podemos associá-la na descrição de Adonias sobre o espaço de enunciação, caracteriza-se:

Vendo as coisas no nível mais elementar, ele tem com efeito uma tríplice função “enunciativa”: é um processo de *apropriação* do sistema topográfico pelo pedestre [...]; é uma *realização* espacial do lugar [...]; enfim, implica *relações* entre posições diferenciadas, ou seja, “contratos” pragmáticos sob a forma de movimentos.

A enunciação feita por Adonias, ao longo da narrativa sobre a decadência do mundo rural, evidencia esses três aspectos mencionados por Certeau em relação ao espaço, pois nos apropriamos dele ou da ideia que temos dele, e quando distantes estabelecemos avaliações elegíacas. Também são nestes espaços que nos realizamos ao constituirmos nossas subjetividades atreladas a eles, captando todos os seus aspectos invisíveis presentes como as tradições. Nessa junção de apropriação e realização, promovemos as relações que nos colocam na condição de pertencimento ou não, identificação ou não, sentir-se parte ou não. No caso dos novos cenários a decadência sente-se muito mais nas condições subjetivas do não se sentir em casa, como destaca Bachelard em *A poética do espaço* (1993). Portanto, a transitoriedade não acontece de modo harmônico. Muito menos os argumentos do progresso com o desenvolvimento das grandes cidades encaminham os indivíduos a uma euforia de sentimentos da conquista de novos tempos melhores.

Em outro momento da narrativa, Adonias volta a decretar o esfacelamento dos aspectos rurais ao comparar o fim do seu avô com o fim de Galileia: “A Galileia reflete a doença do avô. A mesma infecção que destrói sua carne parece arruinar a terra. O mato invade as plantações, as cercas e os currais tombam” (Brito 2009: 111). Observamos em Adonias nesse momento que a derrocada, não do seu avô, mas de Galileia significaria para ele o fim das suas angústias diante da sua incompatibilidade dos dois mundos nas quais não se sente pertencente a nenhum deles. Não se trata do espaço físico de Galileia, e sim da sua subjetividade ainda reinante de sertanejo, de sujeito do campo, de indivíduo identificado com o espaço rural que, mesmo sob a sua rejeição,

persiste por mais que ele considere um sentimento fora de moda, o que demonstra na seguinte passagem: “– Tio Salomão é um regionalista. Existe coisa mais fora de moda do que um regionalista?” (Brito 2009: 163). É essa alma sertaneja que habita em seu ser, como demonstra a maneira como o narrador se comporta ao longo do enredo.

*Galileia* apresenta como personagem-narrador Adonias, e na construção da sua narrativa vemos os aspectos regionais apresentados pelo fio condutor da sua memória. Em alguns momentos, as lembranças e descrições são trazidas de modo saudosista; em outros, com rejeição a essa memória afetuosa do passado no sertão.

Diversos aspectos interessantes da tradição regional do campo se fazem presente no enredo. Um exemplo é a produção oral de contar histórias, sobre o que diz um tio de Adonias, o Salomão: “– Mas não somos historiadores, e sim fabuladores – [...]. Onde não existe esplendor, inventa-se” (Brito 2009: 27). Essa tradição significativa da presença da oralidade e da explanação de “causos” para atizar a imaginação dos homens faz parte da tradição popular. Até mesmo as tragédias que ocorriam na família ganham a dimensão de uma lenda ou fábula popular. Assim ocorre o assassinato de Donana pelo seu marido Domísio:

A Casa-Grande do Umbuzeiro nos espionava, enchendo de pesadelos as nossas noites. Escutávamos os gritos de tio Domísio, preso no quarto escuro. Amarrado a um casamento imposto pela família. Domísio sobrevivia tocando rebanhos de bois para o Recife. Numa das viagens, apaixonou-se por uma moça jovem e risonha, na cidade de muitas igrejas. Jurou que era solteiro e acertou casamento. Mas, no sertão distante, existiam os filhos e a esposa Donana. A única maneira de livrar-se dela seria matá-la. Procurou os dois cunhados e jurou que Donana o traía. Encontrara rastros de alpargatas e chinelos na areia do riacho onde ela costumava se banhar. Marcas pequenas, de pés femininos, e marcas grandes e profundas, denunciando pertencerem a homem. Os cunhados não acreditaram em Domísio, pediram que arranjasse outras provas. Se a irmã fosse culpada, fizesse justiça de direito. Mas se tudo não passasse de mentira, eles se vingariam. Domísio matou Donana com um punhal de cabo de madrepérola. Enfiou-o nas costas da mulher. O sangue tingiu o riacho Trici, correu para as águas do rio Jaguaribe e depois para o mar (Brito 2009: 54).

Narrativas como essas contadas como anedotas populares permeiam o livro. Outras contam a origem da família com uma descrição incompatível

historicamente, mas verossímil para a tradição oral regional. Há também a saga de Lourenço de Castro, um primo de Raimundo Caetano que pelo fato de ser criança foi retirado do incêndio do monte Alverne em que morreram seu pai Bernardo de Castro, dois irmãos, uma irmã e mais três empregados. O motivo da chacina foi um desentendimento que fez com que Otaviano Teixeira perdesse um olho em briga com Bernardo de Castro. Otaviano acabou criando Lourenço como filho privilegiado até quando aconteceu a descoberta do passado trágico na vida de Lourenço:

Viveu escondido um bom tempo, passando fome e sede, assaltando e roubando. Desprezava o sofrimento, e um de seus versos cantava assim: *Prolongo a fome até matá-la, desprezo a lembrança dela, e a esqueço*. Foi nas caatingas e descampados, andando sozinho sem destino, que tomou a decisão de matar seus pais adotivos, as irmãs e os parentes do seu pai verdadeiro, até completar o número dez. Não perdoava os tios Francisco e Antonio de Castro, pois deixaram que fosse criado por outra gente que não a sua parentela (Brito 2009: 202-203).

Além das histórias fabuladas aos moldes da tradição popular que são invocadas involuntariamente por Adonias, ainda temos os traços da religiosidade herdada por essa cultura. Os nomes dos seus tios e primos são nomes bíblicos. A fazenda do seu avô também recebe uma denominação religiosa à semelhança da região sagrada onde Jesus nasceu.

20

Os costumes religiosos permanecem vivos e cotidianos dentro da narrativa assim descrita por Adonias na seguinte situação: “Acordei com a voz de Júlia entoando um bendito. O avô pediu que ela viesse para rezá-lo. O canto ressoava pelos espaços da casa, abalando os nervos das pessoas. Senti-me fora do mundo real” (Brito 2009: 121). Era um sentir-se fora do mundo real, pois, como médico, Adonias buscava sempre a razão e os aspectos científicos para a fundamentação das suas ideias. No entanto, Júlia apresentava as credences populares, ainda não só presentes, mas com força para estremecer a todos, até aqueles que viam nelas apenas rituais sem sentido. Ele, de certa maneira, acabava se deixando levar pela sua alma sertaneja ao duvidar até mesmo do seu conhecimento médico:

E se eu fosse até Júlia e bradasse contra a ignorância e o obscurantismo? Melhor deixar o avô entregue à benzedura e continuar na rede, rememorando histórias. Os anos de formação médica não me garantiam que o meu conhecimento fosse o único e verdadeiro (Brito 2009: 122).

Além disso, o seu imaginário sertanejo revigorava diante dela, que também era contadora de histórias: “Fazia tempo que eu não via Júlia. Sua voz acordou lembranças de quando eu era menino” (Brito 2009: 122). Adonias mantinha essa linha fabuladora do sertão presente quando repassava para os seus filhos: “Muitas das narrativas de Júlia eu contava a Pedro e Marília” (Brito 2009: 122). Portanto, o mundo do sertão continuou a habitar a subjetividade de Adonias. Mesmo tendo percorrido o mundo, com os estudos realizados na Inglaterra, a formação científica em medicina, morando em Recife, o espaço a ele internalizado era do sertão, do lugar da fazenda Galileia. Todavia, esse deslocamento de espaços nunca foi por ele totalmente aceito, como veremos a seguir.

O espaço, como já mencionado, dentro das obras neorregionalistas, opera de maneira efetiva nas subjetividades das personagens, configurando suas identidades, atuando no direcionamento deles diante das suas respectivas realidades. No caso de Adonias, o espaço se faz mais marcante dentro do seu imaginário, na sua memória, e o torna um sujeito atormentado pelo fato de não se sentir pertencente a um lugar. O espaço rural advindo das suas lembranças recebe dois tratamentos antagônicos: de afeto, e de repulsa, simultaneamente, numa clara demonstração da inquietação presente nele. No entanto, essa ambiguidade não acontece como um instrumento de defesa e valorização do espaço urbano, e sim devido a sua não harmônica transitividade dos espaços. Isso se apresenta desde as suas primeiras linhas memorialistas no enredo: “Sinto fascínio e repulsa por esse mundo sertanejo. Acho que o traio, quando faço novas escolhas. Para o avô Raimundo Caetano somos um bando de fracos, fugindo em busca das cidades como as aves de arribação voam para a África” (Brito 2009: 16). Durante toda a narrativa, os sentimentos de fascínio e repulsa estarão presentes nas linhas das suas memórias e também nos seus encontros e desencontros com as pessoas. Portanto, o espaço exerce o papel de elemento de inquietação do espírito de Adonias, deslocando-o dos mundos rural e urbano.

Adonias, apesar da sua bagagem intelectual, não consegue compreender essa aparente indiferença diante dos mundos: não lhes sente pertencer e não encontra uma simples linha de justificação para isso. Podemos perceber esses sentimentos no diálogo entre ele e o primo Ismael:

– Você nunca pensou em morar no sertão? – pergunta depois de longo silêncio.  
Eu até esquecera que viajávamos juntos.

- Pensei, por bem pouco tempo.
  - E por que desistiu?
  - Porque o meu propósito não era honesto. Adoço todas as vezes que venho aqui.
- Corto o papo, mas Ismael conversa sério, quer que eu fale mais (Brito 2009: 71-72).

Percebe-se diante desse trecho a fragilidade do discurso de Adonias em não querer morar no sertão, apesar de o seu imaginário constituir identificação nos aspectos regionalistas, como vimos anteriormente. A dificuldade de situar-se e entender o porquê desta inquietação na alma só se intensifica à medida que tenta encontrar elementos justificadores para isso. Isso podemos ver em seguida, na continuidade do diálogo entre Adonias e Ismael:

- Não chamo esse mundo de bárbaro. Imagine se tio Salomão me escuta. Mudo de impressão sobre ele a cada quilômetro. Meia hora atrás, quando tomamos banho no açude, achei que não existia lugar melhor. Agora, já não acho. Ficamos presos na nossa infância. Você já leu alguma coisa de Freud? Deixa para lá! Tudo acontece nos cinco primeiros anos. No restante da vida, não fazemos mais do que remoer esse tempo. O papo ficou chato, já falei demais. Bota um CD. Tem algum disco de Damien Rice? (Brito 2009: 72).

22

Apesar desses sentimentos contraditórios, Adonias mantém a memória sempre viva e presente em seu ser. Sente-se castigado por tudo lembrar, como ele já havia mencionado anteriormente para Ismael quando abordava o caso de Tereza Araújo com o seu avô Raimundo Caetano:

- Que memória a sua, eu nem lembrava mais!
- Eu não esqueço nada. Esse é o meu castigo.
- Eu queria ter a sua memória, recordar tudo.
- Não queria. Ela cobra um preço alto. Esquecer é melhor (Brito 2009: 44).

Essa alma atormentada de tudo lembrar pode significar uma reação à manifestação do espaço em meio às suas lembranças, acompanhando-o ao longo de toda a sua trajetória. É interessante esse aspecto da angústia, do conflito em não se “sentir em casa”. É algo que acompanha os personagens das obras neorregionalistas. Em Francisco Dantas, podemos citar o personagem Doutor Roxinho na obra *Caderno de rumações*. Assim como Adonias o personagem narrador também é um ser deslocado, não pertencente a um lugar. O espaço presente em suas memórias alimenta a sua indiferença, o não pertencimento aos mundos rural e urbano.

Adonias permanece esse sujeito em conflito o tempo todo, seja em presença dos outros, seja em momentos solitários:

A ladainha de nomes de árvores e pássaros insinua-se no jorro de lembranças. Não permito que se transforme em balbucio. Reviro os pensamentos, estou mais leve que na véspera. Depois do primeiro dia na Galiléia, o pânico cedeu. Sinto gosto em comer, respirar, em dormir. Foi sempre assim, em todas as férias. O desejo quase erótico de retornar ao lugar onde nasci se misturava com um medo inexplicável de morte. Vinha empurrado por meus pais, e até acostumar à casa, ao silêncio da Galiléia, vivia horas de angústia. Chorava pelos cantos, pensava em voltar. Depois, não queria mais sair dali. Esquecia a escola, os irmãos, o cinema, as luzes da cidade (Brito 2009: 129).

Nessa passagem, podemos constatar que esse fascínio e repulsa não aconteceu mediante uma consciência adulta. Ela advém desde quando se separara de Galileia e passou a viver entre os mundos rural e urbano. Ao tempo da rejeição também acontece o afeto da identificação. E essa ação de confusos sentimentos vai se intensificando ao longo da vida. Não se constata na narrativa nenhum trauma que justifique essa possível contrariedade. Nem mesmo a discreta homoafetividade pelo primo Ismael serve como justificativa para existência desses diferentes sentimentos. Até mesmo em seus devaneios os conflitos dos espaços se fazem presentes:

Os lajedos queimam as solas dos meus pés. Os tênis de nada servem; melhor seria calçar botas de couro. Talvez eu não tombasse à direita e à esquerda, igual a câmara nas mãos de um cinegrafista inexperiente, deixando vazar a luz para a película, cegando os espectadores de luminosidade. Por que retornei à Galileia? Repito a pergunta a cada passo. Por que retornei a Galileia? Por que retornamos aos lugares que nos expulsam como aborto indesejado? O que vim fazer aqui? (Brito 2009: 142).

Quando não pertencentes aos seus espaços, os sujeitos sentem-se desprovidos de identificação e as coisas conseqüentemente perdem seus sentidos. Isso acontece com Adonias e também Darcy, de *Pacamão*, e Mundo, de *Cinzas do norte*. Os espaços neles são constituídos como elos de pertencimento e de realização e, ao não se sentirem adaptados a eles, acabam se tornando alheios ao seu presente e ao lugar onde estão.

Salomão, tio do Adonias, estudioso sobre as questões regionais, faz algumas considerações acerca do sobrinho, sobre quem não analisa especificamente para fazer suas observações, mas elas são relevantes para uma possí-

vel compreensão de sua situação conflitante com os espaços. Fala Salomão, em diálogo com Adonias, sobre a casa que Domísio buscou refúgio após ter matado Donana e que, segundo contam, nunca mais saiu dela. Salomão reabriu a casa fantasma do imaginário infantil de Galileia e passou a habitar nela. Diz ele:

– Quando nos distanciamos de nossa origem, o reencontro com o passado é doloroso, quase impossível. Sempre vivi aqui. Desde que nasci olho para essa casa. Ela não me assusta porque faz parte da minha vida. Não é o seu caso, Adonias. Para você ela é um fantasma (Brito 2009: 150).

Podemos pegar essas observações de Salomão como possíveis justificativas para a ausência deste sentimento conflituoso nele e da presença em Adonias. O fato de ter pertencido apenas a um espaço, torna naturalmente o sujeito identificado com ele. O espaço, portanto, faz parte do indivíduo, assim como o indivíduo passa a constituir aquele espaço numa simbiose de identidade, memória e pertencimento. A possibilidade de habitar outros espaços pode tornar os sujeitos descentrados diante da possibilidade da quebra do laço de maneira forçada. Houve, portanto, uma ruptura na subjetividade de Adonias, tornando-o inócuo entre os espaços por onde habita. E, com esse rompimento, as suas memórias foram reconstruídas diante de um espaço marcado por um passado regado por tradições populares seculares com outro espaço de um mundo desprovido dessas manifestações culturais espontâneas, existindo apenas pré-fabricações de sentimentos e realidades. Voltadas para a substituição do espírito coletivo, de encontro, de anedotas envolventes e consagradas pelo imaginário social para uma ordem individualista, sem grandes feitos, dedicadas ao desencontro e consagrações de símbolos e desejos fúteis de mercadorias.

Diante disso, podemos apontar que os conflitos dos espaços recorrentes em Adonias acontecem devido à sua assimilação das duas culturas. De um lado, temos algo oriundo do meio popular, da oralidade, da tradição, dos mitos e costumes repassados ao longo dos tempos; do outro, temos uma não cultura repassada pelo tempo, marcada pela presença de artificialidades das vontades, da valorização apenas dos bens materiais e de total descrença dos aspectos do passado. O tempo único existente para essa cultura urbana guiada pela indústria cultural é o presente. Via de regra, vive-se de maneira hodierna sem qualquer posicionamento crítico-reflexivo. Essa mesma cultura ur-

bana não aceita dividir espaços, busca ser a única presente no imaginário dos sujeitos e, por conta disso, ela não só condena, mas também ataca as de ordem tradicional, popular, conservadora. Podemos ver essa ação quando Adonias parte para menosprezar todos os anos de estudo e dedicação do seu tio Salomão ao regionalismo:

Viro-me para os corredores de estantes, observo o tio perdido no seu labirinto. Abro um livro com desleixo, largo-o em cima de uma mesa com desprezo por tudo o que Salomão juntou durante a vida.

– No meio de tanta literatura ruim, vejo alguma coisa boa, tio – é melhor que consigo falar.

O tio magoa-se com o comentário. Não esperava o meu ataque.

– Essas genealogias possuem valor, são os rudimentos de nossa história. As epopéias gregas e indianas também estão cheias de genealogias.

– Desculpe, não quis ofender.

Quis ofendê-lo, sim. Não perco a oportunidade de magoar tio Salomão. Não perdoou sua segurança, o orgulho que sente da heráldica sertaneja, dos braços, ferros de marcar boi, histórias familiares, coisas de pouco valor para mim. Vago numa terra de ninguém, um espaço mal definido entre campo e cidade. Posso referências do sertão, mas não sobreviveria muito tempo por aqui. Criei-me na cidade, mas também não aprendi a ginga nem o sotaque urbanos. Aqui ou lá me sinto um estrangeiro (Brito 2009: 160).

Essa inquietação de Adonias o atormenta. Sente-se um sujeito deslocado. Para ele, não há um lugar, algo que o faça sentir-se como parte sua. Talvez essa rejeição a que ele se submete advém do imaginário social urbano de que a cidade é o lugar onde as pessoas prosperam, evoluem, vivem, enquanto o campo é visto como algo atrasado, com uma cultura incivilizada, que nada contribui para a formação dos indivíduos. Adonias não consegue conceber que Salomão seja um homem que, além de identificado com sua região e os estudos sobre ela, nunca tenha tido vontade de se distanciar desse espaço, o que ele destaca em conversa com Adonias: “– Nunca pensei em ir embora de minha terra. Leio o possível, me informo sobre o que acontece no mundo, mas não fui muito longe, nas poucas viagens que fiz” (Brito 2009: 165). Mesmo sendo um homem com relativa bagagem intelectual não se deixou levar pela ideia de cultura urbana, segundo a qual só é culto quem vive visitando e vivendo entre as grandes cidades. Viver em Galileia já era o suficiente para Salomão, não por ignorância ou falta de outras opções, mas por um sentimento próprio de não ver necessidade de sair do seu lugar em que se sente pertencente.

Adonias, em seus pensamentos, costuma sempre externar essa reação negativa diante do que ele chama de pensamento regionalista retrógrado. É como se fosse um sujeito sem raízes, e sua vida é marcada por sentimentos como este: “Vivo de arrependimentos por ações erradas ou pelo que deixei de fazer” (Brito 2009: 171). E esse parece ser a tônica dos sujeitos deslocados, ser sujeitos acovardados diante de ações. Deixa-se levar por frustrações e arrependimentos, igualmente ao que também acontece com outros personagens neorregionalistas mencionados como Darcy e Mundo, além de Leonardo, de *Somos pedras que se consomem*, de Raimundo Carrero. Tudo o que acontece não tem a sua voz de comando, deixam-se guiar pelas ações dos outros e apenas se ressentem das coisas.

## Considerações finais

O espaço-conflito, em análise como um dos elementos de configuração do Neorregionalismo Brasileiro em que o mundo rural e urbano, diante das intersubjetividades dos personagens, produz uma mescla de sentimentos, experiências, vivências, tradições, discursos até mesmo antagônicos e os fazem ter uma vida marcada por conflitos consigo mesmo, com os outros, com os espaços e com os fluxos dos tempos, de modo que acaba tornando os indivíduos alheios diante do lugar, do espaço e do tempo presente. Exemplificamos esses aspectos em *Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito, por meio do personagem Adonias. Ressaltamos que a questão do espaço não se apresenta como único elemento de configuração desta nova tendência literária brasileira há outros como a questão da autonomia das personagens femininas, como também, a escrita memorialista como instrumento de enfrentamento da cultura homogenizadora globalizante. Nem mesmo o espaço deve ser visto como apenas como esse tipologia do espaço-conflito, pois há outras maneiras como ele é inserido dentro das obras neorregionalistas. Sendo assim, o presente artigo resulta apenas numa leve interpretação desta nova tendência literária brasileira que poderá ser aprofundada nos demais textos do autor.

*Herasmo Braga de Oliveira Brito*

Universidade Estadual do Piauí (UESPI, Brasil)

## Referencias Bibliográficas

- Araújo, Humberto Hermenegildo de (2006). *Matéria de passagem: leituras de teoria literária e literatura brasileira*. João Pessoa: Idéia.
- & Oliveira, Irenísia Torres de (orgs.) (2010). *Regionalismo, Modernização e Crítica Social na Literatura Brasileira*. São Paulo: Nankin.
- Bachelard, Gaston (1993). *A poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bakhtin, Mikhail (1998). *Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance*. São Paulo: Editora UNESP. 4ª ed.
- (2011). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 6ª ed.
- Brandão, Luis Alberto (2013). *Teorias do espaço literário*. São Paulo / Belo Horizonte: Perspectiva /MG: FAPEMIG.
- Brito, Ronaldo Correia de (2009). *Galileia*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Bueno, Luís (2006). *Uma História do Romance de 30*. São Paulo: Editora da USP; Campinas: Editora da Unicamp.
- Candido, Antônio (2000). *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: T. A. Queiroz. 8ª ed.
- Certeau, Michael de (2003). *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes. 9ª ed.
- Chiappini, Ligia (2014). “Regionalismo(s) E Regionalidade(s) num mundo supostamente global”. In: Marciel, Diógenes André Vieira. *Memórias de Borborema 2: internacionalização do regional*. Campina Grande: Abralic.
- Santos, Milton (2014). *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Williams, Raymond (1989). *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras.
- (2014). *A produção social da escrita*. São Paulo: Editora UNESP. 1ª ed.